

Vasco Pinto de Magalhães, sj
Henrique Manuel Pereira

A FORÇA DOS DIAS

Redescobrir as Virtudes

2.^a edição, revista



EDITORIAL AO

Na Capa

Edward Hooper, *Square Rock, Ogunguit*, 1914

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º

542719/25

ISBN

978-972-39-0996-8

1.ª edição

Dezembro de 2014

2.ª edição

(1.ª na Editorial AO)

Janeiro de 2025

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@snao.pt

Fé

Henrique Manuel Pereira – Aprendemos na catequese que a fé é a primeira das três virtudes teologais, sendo as outras a esperança e a caridade. O Antigo Testamento ou Antiga Aliança apresentava a fé como um abandono confiante à palavra de Deus, ou como adesão à pregação dos profetas. Para o Novo Testamento ou Nova Aliança, a fé é reconhecimento de que Jesus Cristo é o filho de Deus, morto e ressuscitado, para salvar os homens.

Parece, contudo, que a fé não consiste apenas em acreditar que Deus existe. Os contemporâneos de Jesus Cristo tinham poucas dúvidas a esse respeito; porém, Ele pedia-lhes mais, censurando-lhes a falta de fé. Não o faria, especialmente entre Judeus, se se tratasse apenas de reconhecer a existência de Deus. Depois, é curioso notar que o próprio Jesus Cristo, quando constata a fé, parece maravilhar-se diante dela, como se se tratasse de algo extraordinário. «Nunca vi tamanha fé em Israel!», exclama na passagem do centurião.

Ser um homem de fé significa nunca duvidar? Parece que não. Para o filósofo e poeta Miguel de Unamuno, uma fé que não duvida é uma fé morta. São muitas as definições de fé. Para Bernanos, por exemplo, e sem recorrer aos teólogos consagrados, «a fé são vinte e quatro horas de dúvida, menos um minuto de esperança». Mas não é comum dizer-se que é próprio da fé «esperar contra toda a esperança»? Acreditar naquilo que é possível, não é fé, será, quando muito, filosofia. Então o que é a fé?

A maioria dos pensadores modernos considera a fé como o ato de uma inteligência que toma consciência dos seus limites e deixa o resto a cargo de um misterioso poder superior que rege o mundo e a sua própria existência. Esta forma de abdicação intelectual é, aliás, muito clara na expressão: «Para acreditar nisso é preciso muita fé!». Dir-se-ia que é necessário fazer calar a própria razão para se poder acreditar.

A fé é uma «virtude teologal». Que significa isso? Arranjamos cada palavrão...

*Vasco Pinto de Magalhães – É verdade, são os palavrões da teologia que, para ser entendidos, têm primeiro de ser desmontados. Talvez seja bom começarmos por aí. E o melhor é dizermos já o que se entende por «virtude» e virtude teologal. Virtude vem de *virtus*, que quer dizer força, força interior. Teologal tem a ver com *theos*, Deus. Então, fala-se de virtude teologal por oposição à virtude ou capacidade humana. Posso dizer: tenho a virtude da bondade ou da inteligência.*

São capacidades humanas.

Mas a fé não é uma mera capacidade humana, embora exista também uma «fé» humana. Por exemplo, «tenho fé que o mundo não acaba amanhã!» Estou convencido, mesmo que não se prove ou, é esse, pelo menos, o meu desejo! Contudo, a fé (religiosa) é a capacidade de adesão global da pessoa a Deus. Diz-se teologal porque nos é dada, vem de ou por Deus. A fé tem a ver com a relação pessoal com Deus, indica uma relação de confiança. Portanto, como virtude teologal, significa uma capacidade vivida (e recebida) de me relacionar confiadamente com Deus e de aderir convictamente àquilo que Ele me propõe.

Sublinham-se, portanto, dois aspetos: o da adesão e o de não ser meramente humano.

Exato. Não parte só de mim, é qualquer coisa de recebido. E é por isso que se diz ser «um dom». Virtude teologal significa, então, a capacidade desenvolvida e experimentada, recebida em boa parte de Deus, e que implica a adesão àquilo que Ele significa e me revela.

Não há aqui qualquer coisa de injusto?

Porquê? Por algumas pessoas dizerem: «Ah!, não tive esse dom, não tive essa sorte...»?

Sim. Por isso, «não tive sequer a hipótese de aderir». Pode parecer um privilégio misterioso e discriminador.

Pode parecer, pois há algo que nos ultrapassa, mas é bom não começar já com a palavra mistério. O que nos ultrapassa não é uma questão de sorte, nem de escolha, nem um privilégio de alguns. A fé é dada a todos, sem exceção. Por isso, cuidado com a ideia de injustiça! O que acontece é que nem todos fazem eco, acolhendo esse dom. E o dom tem muitas formas de se comunicar.

Confesso que estou baralhado.

Bem, é melhor ir por partes. O mal é que metemos muitas coisas diversas no mesmo vocábulo «fé»: uma crença humana, um credo, um acreditar, uma confiança, uma fidelidade... Ora, a fé de que estamos a falar tem a ver estritamente com a fé cristã. Não se prende sequer com uma fé deísta, na existência de um deus qualquer, nem sequer se aplica de igual modo à fé judaica. A fé cristã, como dom, é o assentimento global da minha vida à pessoa de Jesus Cristo

que se me revela. É Ele que se revela. Por isso é «dom» e não uma mera descoberta da minha inteligência. Isso seria uma filosofia, uma sabedoria que partiria de mim.

Ou seja, o facto de partir de Outro, a revelação, é que a constitui como dom...

Sim, porque não a ofereço eu a mim próprio. Há uma «resposta» a uma «proposta». Teria de haver alguém para me propor a fé. Eu nunca teria descoberto Jesus Cristo, nem aderido a Ele, à sua vida, se ninguém me tivesse falado d'Ele: os meus pais, a catequese, o colégio..., por exemplo.

Quer dizer, a fé é um dom, mas passa sempre pela mediação de alguém.

Claro, passa sempre por alguém! Ou por uma experiência, ou por um texto, mas, sobretudo, por uma pessoa ou comunidade. E é por isso que a fé é uma resposta a um testemunho. Dizer que a fé cristã é um dom é dizer que nasce de um testemunho que desafia e estabelece um diálogo de confiança. Outra coisa é a «fé humana», acreditar que há condições mínimas para viver com sentido e estabilidade. É muito difícil ser um ateu total, nem se consegue! Numa conversa, como esta, estou a acreditar naquilo que o meu interlocutor me diz. Agora, por exemplo, estou a acreditar que os ouvintes nos estão a ouvir; estou a acreditar que todo este mecanismo da rádio funciona. Sem essa fé nem se podia viver.

Na questão da fé, também se é livre?

Sim, deve ser um ato de adesão livre. Dizemos que a fé é um dom, porque alguém mo disse e me tornou isso credível. Mas fico livre para aderir. É a resposta à proposta.

Desse ponto de vista, a questão da injustiça fica pelo menos diluída.

Pois, é que não há injustiça nenhuma! Deus só pode querer comunicar-se a todos. A questão pode estar, sim, na transmissão e/ou na receção. Nós, os crentes, a Igreja, temos a missão de anunciar, de proclamar a fé em Jesus Cristo. Sempre o fizemos bem? E ainda não chegou a todos! Mas o que tem é de fazer a proposta e, depois, cada um faz-se eco ou não; está ou não disponível e dá a resposta.

*Posso já ter uma bateria de preconceitos e de contrate-
munhos, que...*

...que a fé não germina. O terreno não está preparado.

É na parábola do semeador e da semente.

Repara que o texto do Evangelho diz que a semente é lançada em «todo» o terreno: bom ou mau, com espinhos ou pedregoso... Essa é a missão da Igreja: falar de Jesus Cristo e oferecer o dom de Deus. Portanto, não se pode dizer: «A mim não me foi dado!». Não, eu posso é não ter sido capaz de responder; podem não me ter ainda falado, ou falado mal, ou então posso não ter o meu terreno suficientemente preparado para acolher esse dom.

Não há propriamente lugar para a culpa.

A culpa só entraria se, conscientemente, se transmitisse mal ou alguém se negasse a responder. Há muita gente que diz que não teve o dom da fé. Isso, hoje, custa-me a aceitar. Quem está assim tão isolado? Pode dizer-se que não se tem culpa de que não se tenham criado as condições para acolher esse dom...

Ou que o testemunho não foi minimamente apelativo.

Sim, também, mas o «dom», o desafio foi feito. Pode haver outras razões para o terreno não dar resposta, como diz a parábola, um terreno carregado de espinhos, cheio de pedras, ou sem profundidade possível, onde a semente não deita raiz.

Mesmo assim, nos sulcos da vida, há uma fatia grande de «mistério». Há pouco, guardou esse conceito...

É que falar de mistério significa falar de toda a realidade que é fruto de uma relação interpessoal e depende de tantíssimas componentes e dimensões que ninguém as esgota. É por isso que não me posso atrever a descodificar tudo e a dizer que é esta ou aquela a razão. A realidade humana, tal como a da fé...

Ultrapassa-nos.

E não posso fazer um juízo racional e final sobre «os porquê» desta pessoa que chegou à adesão da fé e daquela que não. A realidade da própria pessoa é hipercomplexa. Ou seja, é um mistério que ninguém consegue reduzir a três ou quatro componentes. A pessoa é mais rica do que isso. Tem imensas dependências e interdependências genéticas, sociais, psicológicas, educativas... Não posso classificá-la ou explicá-la. Há qualquer coisa que nos escapa, não que seja «misteriosa», mas porque a sua realidade é mais complexa do que se possa imaginar: é mistério.

«Se soubéssemos o último porquê das coisas teríamos compaixão até das estrelas», escreveu o romancista Graham Greene.

E bem. Tenho de ter um grande respeito pela pessoa, perceber que não a posso invadir, nem meter no bolso. A

pessoa, a relação entre duas pessoas, entre a própria pessoa e Deus, é um mistério. A fé dá-se realmente num contexto de mistério, porque é uma relação entre pessoas. Posso dizer que a fé acontece, e nesse sentido é um dom e uma graça, mas não porque seja dada discriminatoriamente a um e a outro não.

Por falar em Deus como mistério, recordo-me desse outro conteúdo da fé cristã que é o mistério da Santíssima Trindade, e da pergunta de um ouvinte: «[...] Jesus veio à terra. Sabemos que a Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – é una e indivisível. Mas o Filho veio à terra; o Pai ficou no Céu! Isto causa imensa confusão às pessoas!».

A confusão vem, sobretudo, da linguagem e de falar de Deus como se Ele tivesse lugar e tempo. Vamos ver. A fé é a adesão pessoal e livre à proposta que Deus me faz através de Jesus Cristo. Depois, essa proposta, essa relação de confiança que é a fé cristã, neste caso, tem os seus conteúdos, como qualquer relação entre duas pessoas tem um conteúdo. Inclui um certo compromisso e uma certa compreensão: é uma aliança. Aqui, podíamos falar do Credo, isto é, da maneira como se descodifica a relação com Deus. Qual é o conteúdo intelectual da fé? É o credo, próprio dessa experiência religiosa. E aí há uma linguagem humana para dizer coisas que nos ultrapassam. Temos uma compreensão humana de Deus e é dentro dela que usamos, por exemplo, a expressão – paradoxal – que Deus é uno e trino. E ao falar da trindade é preciso não esquecer a unidade. Não posso dividir como duas pessoas (indivíduos) humanas, no sentido de que «uma fica e outra vai». Isso é uma linguagem de espaço e de tempo aplicada a Deus...

...Que não tem espaço nem tempo.

Nem Deus veio a certa altura, nem se pode falar de ficar, como se houvesse um «onde». Se é a segunda pessoa que encarna e adquire essa situação, nem por isso se desliga... «Eu e o Pai somos um», diz Jesus, sempre. É preciso todo o cuidado com o que estou a dizer, numa linguagem limitada que pode dizer verdades sem abarcar toda a verdade.

A pergunta referia-se à Encarnação do Filho. Nesse sentido, não podemos dizer que veio?

Sim. O Filho é a expressão, a linguagem do Pai que está sempre a vir ao nosso encontro. A «certa altura» damo-nos conta da sua presença. Faz-se um de nós sem deixar de ser quem é. Ele está continuamente a vir. O Filho, dizemos, o Verbo ou a palavra que o Pai nos está sempre a dirigir, está sempre a «vir»: é o próprio amor que nos mostra quem é Deus (Amor criador e salvador) e mostra ao homem como ser Homem. Essa imagem do Amor e do Homem vai entrando na história humana por um longo processo a que chamamos Encarnação, até se tornar, palpavelmente, presente como um de nós, mas também como uma presença de Deus. O amor aproxima e identifica. Dizemos que Ele se faz um de nós. Mas não é um momento: é desde toda a eternidade que o Filho (igual e inseparável do Pai) anda a vir e nunca deixa de vir! Vem de muitos modos.

Mesmo quando falamos numa primeira e numa segunda vinda e dizemos que Ele voltará a vir?

É preciso cuidado porque a «Vinda» é única. O que se chama de «segunda vinda» não é um regresso nem uma segunda volta, mas um grau muito mais profundo de encon-

tro e comunhão que já está a acontecer pela Ressurreição. Nós experimentamos a única Vinda em momentos distintos e graduais de salvação. Faz parte do ser Filho vir, porque é o modo como o Pai se aproxima. Portanto, o Pai não fica lá..., aproxima-se no Filho! Se Deus é amor, é proximidade e aproximação: é vinda. E Ele vem na sua palavra, na criação, em toda a expressão de amor. A expressão do amor do Pai é o Filho, que é igual ao Pai – «Eu estou no Pai e quem me vê, vê o Pai». Quando eu digo, Jesus Cristo, o Filho, o Verbo de Deus, «vem à terra» é como dizer que uma pessoa é atingida por mim porque é atingida pela palavra que eu lhe dirigi. Porque eu vou na minha palavra! O Pai-Deus vem no Filho. Até é por isso que se pode chamar a Deus, Pai. E Ele vem desde toda a eternidade! Isto é muito importante. Infelizmente, é frequente termos uma visão mítica da fé!

Como que em dois planos, Deus está lá em cima e nós cá em baixo... A certa altura mandou o Filho cá abaixo...

Isso é linguagem mitológica. Mas Deus não existe lá em cima ou está cá em baixo. É transcendente, não tem um lugar espacial. Temos de ir desmontando, desmitologizando essa imagem e linguagem. Ele é desde toda a eternidade, desde sempre e nunca pôde fazer outra coisa senão vir ao encontro. E porque Ele é Amor, o seu ser é aproximar-se de quem ama: de nós.

Já agora, talvez fosse bom explicar o conceito de Encarnação...

Vou tentar, mas atenção, como já indiquei, não podemos separar a Encarnação da Trindade, fazendo essa caricatura: como se Deus (trinitário) «andasse» lá em cima, e, num dado «momento», um d'Eles viesse cá abaixo! Não. Do

ponto de vista de Deus, a Encarnação (esse movimento de vinda e comunhão) é desde sempre. Reparemos: o que é o Antigo Testamento? É o processo de um Deus que se aproxima lentamente do seu povo até se tornar visível. Vai-se insinuando pela palavra e preparando o terreno através dos profetas; vai-se revelando e anunciando, torna-se uma promessa esperada. Não é de repente que Deus encarna aqui. Ele anda a aproximar-se de nós e a criar condições para se tornar visível e aceite desde sempre e para sempre. Nasce, finalmente, depois de tão longa gestação. Por Maria vem à luz e morre de amor oferecendo-nos o caminho da vida. E a partir daí não «volta» para o Céu; «fica» ainda mais dentro. Pela Ressurreição, a Encarnação chega à sua máxima expressão: vive em cada um de nós e na comunidade, por dentro, eternamente connosco no Espírito.

Isso levanta, desde logo, uma série de questões que teremos de deixar para outra conversa. Mas é possível a fé cristã para quem não acredita nesse conteúdo, no mistério da Trindade, por exemplo?

Antes de responder, quero sublinhar que estás a fazer uma distinção muito importante: fé como ato de confiança e fé como conteúdo doutrinal. O credo de cada um. Aí é que nos podemos dividir, não tendo o mesmo entendimento sobre Deus. São as diferentes religiões, diferentes credos e dizemos que é a fé de cada um. Mas aí falamos só no segundo sentido, o da «doutrina», que eu até posso saber sem acreditar! E voltando à tua pergunta sobre o conteúdo «Deus trino», só posso dizer que faz todo o sentido: quando alguém se arrisca a aceitar (a tentar, pelo menos, conhecer...) Jesus Cristo, em breve começará a entender que um Deus-amor (se é Amor) fechado sobre si, como «indivíduo autossuficiente», não faz

sentido. Deus é comunidade de amor. Se é Amor, só pode ser comunidade (trino) una e indivisível.

Retomando o fio, no universo da fé há várias relações possíveis: o medo, a fé e a crença... As fronteiras parecem esbatidas.

Mas são coisas muito diferentes. A crença vai em duas linhas muito distintas da fé. A crença tem normalmente a ver com o acreditar ou na existência de Deus ou numa doutrina. A fé não é apenas acreditar que existe Deus! Antigamente e na tradição judaico-cristã, como referiste, fé não tem nada a ver com o acreditar, pois no princípio toda a gente acreditava que havia Deus. Outra coisa é se confiavam n'Ele e seguiam os seus ensinamentos! Pode haver crença e muitas crenças, mas quanto a ter com Ele uma relação de confiança, isto é, quanto a ter fé, ou melhor, ser homem de fé, aí é que pode haver dificuldades. O que está em causa é o tipo de relação e de fidelidade. A fé no Antigo Testamento pode claramente ser traduzida pela palavra fidelidade. Sou ou não sou fiel a este Deus que acredito que existe? A palavra hebraica para fé, significa «apoiar-se». Em quem me apoio? Eis a questão.

Acontecia o mesmo no tempo de Jesus Cristo. Ninguém punha em causa a existência de Deus. O problema parecia estar até no facto de acreditarem também em muitos deuses.

Tratava-se era de acreditar num só. E o apelo de Cristo à fé vai para além da questão da existência ou não de Deus. Dirige-se, sim, à capacidade de responder de uma forma genuína a uma interpelação e de criar uma relação de confiança, uma relação libertadora que leve a um compromisso de amor. A fé que aparece no Evangelho e no Antigo Testamento tem a ver com a capacidade de estabelecer uma relação pessoal,

convicta, de confiança, que me faz sair de mim próprio e avançar pelo caminho da comunhão e do compromisso.

Querendo afastar equívocos, parece-me também importante a distinção entre fé e sentimento, ou melhor, sentimentos, no plural, porque há muito bons sentimentos que...

Isso é muito importante. Há pessoas muito boas que dizem: «Ah, não sinto nada, não tenho fé; que vou fazer à Missa, se não acredito, se não sinto nada?». E eu digo-lhes: «Não se trata de sentir! A fé não é uma questão de sentimento. É uma questão de sentido».

De sentido?

Sentido da vida, sentido de uma relação. Eu posso por vezes não sentir gosto pelas coisas religiosas, até sentir-me vazio, longe de Deus. Mas posso, ao mesmo tempo, ter captado e entendido que faz sentido relacionar-me com Ele e que faz sentido aquilo que Ele disse no Evangelho. E confiar nisso. Embora às vezes até tenha vontade de fugir e dizer: «Que maçada, isso só me vai comprometer!». Por outro lado, dentro de mim, ao mesmo tempo, com sentimentos muito variados, uns agradáveis, outros desagradáveis, uns de medo, outros de compromisso, dizer: «O que faz sentido, puxa por mim e me torna uma pessoa mais humana é aderir ao que me parece ser o conteúdo global da fé cristã, que é o Amor, à maneira de Jesus Cristo». Por isso, gosto de deixar claro que a fé, mais que um sentimento, é uma convicção. É estar convencido de que é esse o caminho e assumi-lo, quando sinto e quando não sinto. Não é o que me apetece e gosto: é o que quero e me faz crescer.

O binómio fé/medo também é curioso. Até mesmo segundo uma perspetiva bíblica.

Sim, porque o medo é, de algum modo, o contraponto do risco, e a fé, o fiar-se de alguém, envolve um risco. O facto de uma pessoa acreditar noutra é sempre arriscado. A fé é a adesão que eu dou à palavra de outra pessoa, sobretudo à palavra positiva. Uma pessoa diz: «Sou teu amigo, quero-te bem!». Muito bem, e agora? Como é que eu respondo a isto? Tenho medo! O que é que isto terá por detrás? A pessoa está a enganar-me? Será verdade? É uma afirmação que eu não posso provar por A + B, cientificamente. Ou adiro e faço um ato de fé naquela palavra, porque essa pessoa se tornou credível para mim e fez-me o dom de me dizer que me queria bem, ou fujo e digo que não tenho nada a ver com isso. Ao ligar-me a esta pessoa já lhe estou a responder e, então, estabeleci com ela uma relação de fé, de confiança. É um dom mútuo.

Parece então que a melhor imagem para compreendermos a fé é a de uma relação amorosa.

Precisamente. É uma relação de confiança que se apoia em gestos, em palavras credíveis... e lhes corresponde. Por isso, pode dizer-se que, além de dom, é uma virtude. Embora muitas vezes se duvide. Num caminho de risco e confiança podem surgir muitas dúvidas!

A dúvida não é, portanto, inconciliável com a fé. São companheiras num caminho comum, numa relação construtiva e sempre em processo. A dúvida poderá até ajudar a purificar a fé...

Sim, levando a aprofundar e a recomeçar com mais força e ânimo.

Outro aspeto: uma pessoa tem uma dificuldade na vida, tem um familiar doente, etc., nunca rezou ou há anos que não reza, e, de repente, descobre-se a rezar...

Essas situações de «fracasso humano» e de «perda» são muito úteis para reconhecermos a nossa fragilidade, e proporcionam-nos momentos de realismo. Fazem-nos perceber que não somos os senhores de tudo. Desenganam-nos de pensar que não precisamos de Deus, nem dos outros. Nessas horas, percebemos quem somos. Que, afinal, valemos bem pouco, que tudo nos escapa, que não somos os senhores da vida... e percebemos como a apreciamos.

Mas não é exatamente por isso que o senhor Sigmund Freud dizia que os cristãos, coitadinhos, precisam de um «Pai»?

Bem, ele tinha mais razão do que pensava! Mas de outro modo. O problema é de saber qual é o pai: que «Pai»? Pensar que não preciso de pai ainda é mais absurdo, mais coitadinho. Porque é cair na ideia de que se pode ser irmão sem pai ou sonhar-me deus! Se o fracasso me leva a uma relação de projeção de mim próprio, ou a uma busca de compensação, então tenho uma relação de fé infantil ou de refúgio. Mas se me leva à humildade e a encontrar o verdadeiro Pai, então é isso a fé: a convicção de ser filho e um filho amado. Não é arranjar uma boia ou um refúgio para a frustração. É encarar a verdade e experimentar, convictamente, que a minha vida faz sentido, em qualquer circunstância (mesmo no fracasso), porque sou amado (filho) e tenho uma missão.

Acontece por vezes perder-se a fé nessas situações de fracasso humano. Acontecem mesmo sentimentos de revolta contra a alegada bondade de Deus... Nesses momentos não apetece nada ter fé!

E eu compreendo. Mas não posso fazer do amor uma relação para quando me apetece. O amor é uma relação em que tenho de investir, apeteça-me ou não. Senão a relação fica dependente do sentimento variável e da maneira como eu acordo de manhã.

Que, de alguma forma, são já limitações. Qual é o espaço para a nossa liberdade?

É esse: o amor pertence à ordem da vontade. Porque se é um apetecer, não é livre. Por muito importante que seja o sentimento, viver ao sabor do sentir é uma escravidão. A liberdade é a capacidade de querer, apeteça-me ou não. Então estabeleço uma relação que me faz crescer e que me estrutura por dentro.

Há quem se declare não-praticante porque ache que essas coisas se devem fazer mais por sentimento e não tanto por obrigação.

O praticante não é aquele que cumpre meras obrigações. É o que «pratica» a relação com Deus com consciência e responsabilidade, mesmo quando não lhe apetece. Nesse caso, teríamos a fé «sentimentalona» e não a fé da convicção; da devoçãozinha e não da relação livre e libertadora. Tenho de praticar, comprometer-me numa relação que se torna salvadora. Essa atitude deve assentar em dois pontos muito importantes: um, é perceber que o sofrimento não é uma desgraça, mas um chamamento a uma comunhão mais profunda com Jesus Cristo; e...

...essa é das tais coisas que, para a aceitar, é preciso ter mesmo muita fé!

Mas quem quer um Cristo sem cruz, terá uma cruz sem Cristo, dizia o Padre Américo! A experiência ajuda a perce-

bê-lo. Na verdade, somos chamados a dividir a cruz de Cristo em ordem à Ressurreição. E nós andamos todos a rejeitar o sofrimento. É claro que não se trata de andarmos à procura de sacrifícios. Não existe vida real sem sofrimento, sem dor, é o preço do crescimento. Somos chamados a dar sentido ao sofrimento. Isso faz parte da fé e mostra-a como uma grande virtude. Numa comunhão de amor, em que o sofrimento conduz a uma vida nova, é possível viver o sofrimento, não como uma desgraça nem como um masoquismo, mas como um caminho de liberdade. É um apelo a estar em comunhão com Jesus Cristo que exige que saia de mim, que morra para o meu egoísmo. Claro que este discurso é...

Difícil!

Sim, mas creio que é fundamental.

Esse é um dos pontos importantes para uma atitude praticamente e efetivamente comprometida. Qual é o outro?

O outro é o da oração: que não seja querer forçar Deus a fazer a minha vontade (como é, muitas vezes, a oração que fazemos nestas situações, a pedir o milagre, a cura, a exigir que se cumpra o meu desejo). A oração é outra coisa, é pôr-me numa atitude verdadeiramente de fé, que é a do *Pai-Nosso* e dizer: «Seja feita a tua vontade!». E a partir daí ser criativo na construção do Reino, sejam quais forem as circunstâncias.

Ponho-me no papel de um ateu que anda à procura de um sentido. Dava-me meia dúzia de pistas?

Bom, a primeira coisa que eu te dizia era esta: desafio-te a pensar se é possível viver sem um absoluto, sem uma razão última, que não seja fruto de uma lógica, nem uma conclusão científica. Será possível viver sem o absoluto?

É um bom desafio. Depende do absoluto de que estamos a falar. Por certo não quer que entremos numa discussão filosófica pelas escolas de pensadores que se poderiam crer ateus. Pela lógica do seu raciocínio teríamos de concluir que também eles acreditavam num absoluto, fosse ele a matéria (materialistas), fosse ele o espírito, ou o eu, ou a razão (idealistas). Posso, é claro, fazer do dinheiro ou do «viver em grande» o absoluto da minha vida... Quando lhe pedia pistas, referia-me ao absoluto Deus. E relativamente a Ele posso, de facto, ser ateu, ou não?

É muito difícil ser ateu... Arranjamos outros deuses, com outros nomes. É impossível viver sem uma razão e sem uma finalidade, viver para nada, sem uma referência que dê sentido. Pode ir-se esquecendo, substituindo por muitos «fins», dizendo como o Sartre disse no fim da vida: não há nada para além disto, «mas eu tive de viver como se...». É preciso muita fé para ser ateu! Aliás, trata-se de acreditar que não, contra toda a lógica; é dizer coisas com sentido, negando o sentido.

É preciso, de facto, muita fé. Outra pista?

A necessária reflexão sobre a relação entre fé e ciência.

Persiste a ideia de que são incompatíveis...

No entanto, a história mostra muitos verdadeiros cientistas que foram, sem confusão, pessoas de fé e prática religiosa. Mas, talvez, o pior são aqueles que pensam que a fé começa quando acaba a ciência ou serve para explicar o que esta ainda não explica. Ora, não! São campos distintos. A fé não põe limites à ciência: só lhe pede que não tire conclusões teológicas das suas descobertas científicas. Como pode exigir-se à fé que salte do seu âmbito e linguagem para

concluir «cientificamente»? Foi o que aconteceu em tantos casos tristes como Galileu, Darwin, etc. Mas aprendemos: quanto mais se desenvolve a ciência, mais se percebe qual é o campo da fé. Sem concorrência. O desenvolvimento honesto da ciência leva a descobrir e a interrogar-se sobre outros âmbitos, onde a ciência reconhece que entrar neles já não pertence ao seu campo. Por exemplo, a ciência pode dizer muito (e cada vez mais!) sobre o amor e até pode chegar a perceber que pretender vir a dizer tudo sobre esse «mistério» humano é anticientífico...

Avançando: recordo que um ouvinte nos dizia: «A Bíblia é um livro de fé. Não se adquire fé noutro lado a não ser na Bíblia». Soa-me a uma visão protestante, sola scriptura...

De que fé se está a falar? Parece-me redutor! A natureza também me fala de Deus... Mas digamos que se está a falar, estritamente, da fé cristã. Então, devo dizer com São Paulo, na *Carta aos Romanos*, que «a fé vem pelo ouvido». É uma frase fantástica que diz que só há fé em Cristo se alguém me falar d'Ele, me der testemunho d'Ele – a fé vem da pregação – e isso fizer eco no meu coração. E esta seria uma boa definição para acabar. No meu todo, no meu coração e na minha inteligência, fui tocado, interpelado a responder a esse testemunho que se me oferece: o dom. Respondo? A fé cristã é a resposta da pessoa humana à proposta de Deus em Jesus Cristo. Qual é a proposta? Aquele que pregou, mostrou o caminho e morreu por nós, «está vivo»! É esse «o evangelho», a boa nova. E assim vale a pena aderir à sua pessoa e ao seu caminho. Ele ressuscitou, o mal e a morte foram vencidos. Por isso, a vida faz sentido e nós, com Ele, já ressuscitámos. É este o primeiro artigo da fé cristã.

Índice

Prefácio	7
<i>José Eduardo Franco</i>	
Dedicatória e agradecimento	13
<i>Vasco Pinto de Magalhães, sj</i>	
Memória e gratidão	15
<i>Henrique Manuel Pereira</i>	
Fé	17
Esperança	35
Caridade.....	59
Prudência	77
Justiça	97
Fortaleza.....	115
Temperança.....	133
O perdão e a paz.....	147
Alegria.....	167
Educar para o otimismo	189
Coragem	207
Fidelidade.....	223
Paciência	243
Humildade	257
Obediência.....	271